

UMA BREVE MIRADA SOBRE O IMINENTE ACORDO ORTOGRÁFICO LUSO-BRASILEIRO

1. Introdução e proposta

Já se passaram vários decênios que as nações anglófonas, francófonas e hispanófonas designaram seus especialistas de alto nível em ortografia a fim de discutirem e consertarem com os especialistas de suas ex-colônias a as eventuais divergências entre seus países, já então todos, política e administrativamente independentes e soberanos, a fim de aprovarem uma só ortografia para o inglês, o francês e o espanhol.

Lamentavelmente, muito depois dessa convergência de propósitos, por uma série de razões, dentre as quais avultou a recuperação de sua independência e soberania, após a vitória da Revolução dos Cravos, na discussão em favor da aprovação de uma só ortografia por parte do nosso país e de Portugal com suas ex-colônias africanas, esse consenso vem demorando a acontecer.

Nossos irmãos lusitanos sempre acolheram com simpatia e carinho os turistas brasileiros que visitamos seu belo e acolhedor país. *Mutatis mutandi*, muitos e muitos anos já se passaram dos ataques aos então pejorativamente chamados de galegos, que precederam a proclamação de nossa independência política e administrativa por parte do príncipe lusitano Dom Pedro I, que muito amava nosso país, e principalmente nossas patricias mestiças, a uma das quais concedeu o título de Marquesa de Santos.

Como o estudo dos sucessivos sistemas ortográficos de um idioma não pode dissociar-se da história do país em que ele é praticado, impõe-se lembrar, aqui e agora, o que preceitua Georges Canguilhem no ensaio 'O Objeto da História das Ciências', com que abre a obra intitulada *Epistemologia*, editada pela Tempo Brasileiro, com seus colegas Bachelar, Miller e Foucault. Eis o que ele diz pág. 11 daquela obra: "*Sem a Epistemologia, seria impossível discernir dois tipos de história ditas das ciências, a dos conhecimentos superados e a dos conhecimentos sancionados, quer dizer ainda atuais, porque ativos.*"

Como a Natureza não dá saltos, impõe-se também promover uma rápida mirada sobre os sucessivos tentâmens para domar as regras

ortográficas do nosso idioma. Nossa Academia Brasileira de Letras (A.B.L.) e a Academia das Ciências de Lisboa (A.C.L.) co-editaram, sucessivamente nos anos de 1931, 1932, 1943 e 1945, o seu (Acordo Ortográfico com seu respectivo Formulário).

Entre as dezenas de propostas de reformulações ortográficas da língua portuguesa, merecem relembradas a *Portuguese orthography to 1500*, apresentada como dissertação de doutorado em Filosofia à Universidade da Pensilvânia, em Filadélfia, no ano de 1948; a *Ortografia da língua portuguesa*, de João Franco Barreto (Lisboa, João da Costa, 1671); as *Regras que ensinam a maneira de escrever a ortografia da língua portuguesa*, de Pero de Magalhães da Gândavo (Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981); a *Ortografia e origem da língua portuguesa*, Galhardo, 1767); as *Regras Gerais, breves e compreensiva [...] no escrever da língua latina & portuguesa*, do padre Bento Pereira, (Coimbra, João Antunes da Silva, 1753) a *Orthographia ou modo de escrever certo na língua portuguesa*, de Álvaro Ferreira de Vera; de Duarte Nunes do Lião (Lisboa, Imprensa Nacional, 1983); o *Compêndio de Ortografia*, do frei Luís de Monte Carmelo (Lisboa, Antônio Rodrigues Galhardo, 1767); as *Regras gerais, breves e compreensivas [...] no escrever da língua latina & portuguesa*, de Bento Pereira (Coimbra, José Antunes da Silva, 1753); a *Orthographia ou modo de escrever certo na língua portuguesa*, de Álvaro Ferreira de Vera (Lisboa, Matias Rodrigues, 1631); o *Verdadeiro método de estudar*, vol. 1, dae Luís Antônio Verney (Lisboa, Sá da Costa, 1949); e tanto a *Ortografia Nacional* (Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1904), quanto o *Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa* (RJ, Francisco Alves, 1912), ambos de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana.

Não poderemos ainda duas gramáticas maranhenses novecentistas, cada qual por uma especial característica, a saber: o *Compêndio da Gramática Portuguesa [...]*, do padre Antônio da Costa Duarte (Maranhão, Tip. Nacional, 1829), por ser a primeira editada em nosso país (e não o *Compêndio de Gramática Nacional*, de Antônio A. Pereira Coruja (RJ, Tip. Francesa, 1847)), como por muito tempo consideraram os sábios e saudosos filólogos brasileiros Antenor Veras Nascentes e Sílvia Edmundo Elia.

Aquela nossa gramática pioneira dedicou cerca de quatorze páginas la "Orthographuia da língua portuguesa"; na introdução refere-se à 'Orthographia Etymologica'; no cap.IV, conceitua a Orthographia e

classifica-as em Etymologica, em Usual e em da Pronunciação ou Philosophica.

Tanto o precedente aparato teórico, quanto a pequena bibliografia luso-brasileira sobre os sistemas ortográficos, principalmente novecentistas, visam a relembrar, a adequada e oportuna decisão do então presidente brasileiro Emílio Garrastazu Médici, em decretar o sumiço do trema, que tanto atazanava os digitadores de texto de toda espécie. A língua escrita é apenas a outra face da língua falada, mas cada uma dispõe de seus próprios recursos.

Num país de dimensões continentais, como o nosso, as diferenças dialetais não impedem a comunicação via informática, cuja expressão escrita transcende as diferenças locais. Assim, a pronúncia tensa das vogais finais átonas por parte dos gaúchos não os impede de compreenderem ao telefone ou nas redes sociais a pronúncia tensa das consoantes dentais dos pernambucanos, alagoanos e sergipanos; nem a pronúncia africada dos cuiabanos semialfabetizados. Na expressão escrita, essas diferenças dialetais se minimizam. Desejamos concluir esta breve comunicação com uma proposta mais do que oportuna e adequada para estes nossos novos tempos. Assim como o ex-presidente Médici, em muito boa hora, sepultou o trema, nosso próximo presidente (ou presidenta) deverá reduzir as incongruentes, conflitantes e muitas vezes inexecutáveis regras de utilização do hífen. Já provei em 1989, na Universidade Católica de Nanzan, em Nagóia, no Japão, que nem portugueses nem brasileiros conseguem dominar-lhe todas as regras abstrusas. Esta é a minha proposição em favor de nosso belo idioma.

AS QUERELAS ORTOGRÁFICAS DO PORTUGUÊS NOVECENTISTA

ANTONIO MARTINS DE ARAUJO

Professor de Língua Portuguesa da
Faculdade de Letras/UFRJ - BRASIL

1. A gangorra ortográfica luso-brasileira

Abrigando as normas do dicionário de Cândido de Figueiredo, a proposta de reforma ortográfica de Medeiros e Albuquerque à A.B.L. em 1907 teve o mérito de sacudir o imobilismo que havia nesse ponto. Com o advento da nova república, o governo português instituiu comissão de filólogos, que trabalhou a partir do material apresentado pelo foneticista Gonçalves Viana. À luz de modernas doutrinas científicas, visou-se a uniformizar as várias ortografias existentes e a imprimir no produto final um máximo de simplificação. Nessa altura, a proposta de Medeiros já havia sido torpedeada por vários filólogos brasileiros, e desviada do seu curso inicial por outros colegas seus de Academia. Além disso, a adesão de renomados mestres brasileiros à reforma portuguesa de 1911, inequivocamente superior à nossa, enfraqueceu-a ainda mais.

Via de regra por falta de assessoramento adequado aos governantes brasileiros, passam-se trinta anos de vacilações institucionais em relação à ortografia. Grosso modo, eis algumas das idas e vindas à questão. Após vigorar por três anos a reforma de 1907 da A.B.L., vigora a portuguesa por quatro. Segue-se uma década de discussões entre os adeptos de uma e de outra. Em 1929, a A.B.L. retorna às doze regrinhas ortográficas de 1912, da autoria de João Ribeiro. Em 1931, a A.B.L. e a Academia de Ciências de Lisboa celebram seu primeiro Acordo, que será ratificado em 33. Com a Constituição do ano seguinte, volta-se à ortografia de 1891. Vale dizer, à falta de memória, escreve-se como bem se quer. Em 38, ressuscita-se o Acordo de 31, mas sem a simplicidade acental deste. Em 42, a A.B.L. perfilha

o Vocabulário de Rebelo Gonçalves, com treze alterações nas regras de acentuação tônica. No ano seguinte, praticamente se retorna ao texto de 31. Nesse ano de 43, nosso Ministério de Educação e Saúde disputa com a A.B.L. a competência de decidir na questão ortográfica. Ao fim, prevalece o bom senso e o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, elaborado por cerca de quarenta filólogos patrícios de reconhecida autoridade, se impõe ao arbítrio. No segundo semestre de 1945, a Confederação Interacadêmica de Lisboa reverá o texto daquela Convenção e tentará um novo Acordo. Depois de aprovado pelos dois governos, mas por lesivo às nossas normas lingüísticas, só terá curso em Portugal. No ano de 48, rara é a voz de filólogo brasileiro que não se tenha feito ouvir contra a aprovação desse Acordo por parte do Legislativo. Entre os mais combatentes, Júlio Nogueira e Cândido Jucá Filho. José de Sá Nunes, sozinho do outro lado, tenta defender-se a si e à nossa delegação por suas cedências aos portugueses. Dessa representação, além de Sá Nunes, constituída ainda de um historiador, de um poeta e de um romancista, somente este disse algo a respeito. Na obra Sentimento Lusitano, dedica no capítulo "A unidade imperial de nossa ortografia", justas palavras de admiração ao filólogo lusitano Rebelo Gonçalves, principal engenheiro da reforma de 45.

2. O feitiço contra o feiticeiro

Novo esforço de unificação ortográfica do português dá-se no Encontro de 6 a 12 de maio de 1986, na cidade do Rio de Janeiro. Suas Bases Analíticas retomam as de 1945 (por nós já rejeitadas em 48), mas renegociadas em 1975. Novamente a comunidade científica se pronuncia a posteriori. Desta vez, em Portugal. Ali, algumas das vozes discordantes mais eloqüentes fulcram suas considerações fora do mérito filológico e lingüístico. Pela primeira vez invocada na polêmica dos anos 40, nossa pujança demográfica nos permite já consumir o que produzimos. Por serem Portugal e Brasil hoje parceiros na indústria da comunicação de massa, o CEE, antes de ser um empecilho para a uniformização ortográfica das nações lusófonas, aponta para a conveniência de procurá-la. Por outro lado, a crescente informatização eletrônica de dados aconselha o despojamento de acentos e hífen para melhor rendimento da produção. Se faltam horas-aula nestes países para suprir o esvaziamento acentual e

melhorar o rendimento da leitura em língua pátria, multipliquem-nas como convém. O inglês vive muito bem sem essa profusão de acentos, e as aulas desse idioma se multiplicam pelo mundo afora. A tendência à simplificação de ditongos e à ditongação dos hiatos está na deriva da língua falada no Brasil. O hífen proliferou neste século, e nem por isso essa tendência foi arrefecida. É sabido de todos que a irracionalidade das regras atuais do hífen obriga professores do idioma e comunicadores a acercar-se do dicionário com freqüência. O alemão vive muito bem, praticamente sem ele. Qualquer que seja o Acordo de Uniformização e Simplificação que se venha a celebrar, terá de repensar os acentos e o hífen do português. Praticamente sem eles, a literatura portuguesa atingiu as culminâncias que atingiu no século XVI. O iluminista Verney e seus seguidores já desaconselhavam esse bando de acentos no século XVIII. O próprio Verney se arrependeu de tentar generalizar o uso do hífen aos vocábulos clíticos, como preposições e artigos.

Tenho-me perguntado por que os esforços da A.B.L., nestes quase oitenta anos de tentativas, apenas nos deu uma ortografia suportável, com um sistema acentual incongruente, estilo passee-par-tout, um rol indecorável de regras do hífen, e grafias de certas palavras nem sempre coerentes com o grupo lexical em que se inserem. Terá sido por que o carro tem sempre vindo adiante dos bois? Ou terá sido por que a ortografia não tem sido a prioridade nesse sodalício maior, onde rareiam filólogos-lingüistas e sobejam criativos literatos? No princípio do século, por falta de instituições voltadas à Lingüística e à Filologia, o governo comunicou à Academia a competência de decidir a ortografia que ele devia referendar. De lá para cá as coisas mudaram. A Filologia abriga-se hoje no regaço amplo da Lingüística. A universidade brasileira está aí com seus filólogos-lingüistas, suas bibliotecas e editoras, seu instrumental de fonética, sua produção multiplicadora. Se "prever já é agir", como preconizava Fayol, está na hora de lembrar-se o Governo da existência dela. Se esse Acordo não der em nada, como é de esperar-se, a partir de agora, nas discussões ortográficas, a universidade brasileira, como tal, não poderá deixar de ser ouvida. Quem sabe com isso chegaremos ao lugar comum tão esperado?

ANEXO

Corpus de gramáticas oitocentistas

- ABREU, A. M. da S. Pinto, Novo methodo para aprender a grammatica portugueza, Porto, Tip. de F. P. de Azevedo, 1852.
- ALBUQUERQUE, Sebastião José Guedes, Grammatica portugueza para uso do Illustrissimo Senhor D. Francisco de Sales e Lencastre, Lisboa, Impressão Regia, 1820.
- ANDRADE, João Nunes de, Grammatica Elementar da Lingua Portugueza por Systema Philosophico, offerecido ao ill^{mo} e ex^{mo} sr. José Ferrelra Pinto Basto, etc. Lisboa, 1841.
- ANDRADE, (P.) Jerónimo Emiliano de, Primeiros elementos de grammatica portugueza, Angra do Heroismo, s.ed., 1843.
- ANDRADE Jr., Francisco de, Princípios de Grammatica Portugueza, Funchal, 1844.
- ARNEIRO, Jaulino Lopes, Grammatica Portugueza em analogia com as linguas de que toma origem, principalmente latina e grega, Lisboa, Tip. de Desiderio Marques Leão, 1827.
- AULETE, Francisco Caldas, Grammatica Nacional, Lisboa, Tip. da Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1862.
- AZEVEDO, Domingos José de, Grammatica Nacional ou Methodo moderno para se aprender a fallar e escrever sem erros e mesmo sem auxilio de mestre a Língua Portugueza, Lisboa, 1880.
- AZEVEDO, Manuel Pinheiro de Almeida e, Compendio de philosophia racional, contendo a psychologia empirica, a ideologia, a grammatica e a logica, Braga, Tip. União, 1860.
- BARBOSA, Jerónimo Soares, Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou Princípios da Grammatica Geral Applicados á nossa Linguagem por J. S. B., Lisboa, Na Typografia da Academia das Sciencias, 1822.
- BENSABATH, Jacob, Grammatica das escolas primarias. Curso theorico e pratico da lingua portugueza, Porto, Clavel & C.^a, 1882.
- BORGES, Abílio César, Resumo da Grammatica da Lingua Portugueza, 7.^a edição, augmentada e melhorada segundo as grammaticas mais modernas, adoptadas em varias escolas publicas do Imperio do Brasil, Bruxellas, Tip. Guyot, 1877.
- BOTELHO, Manuel Francisco Medeiros, Grammatica Portugueza elementar para uso das escolas e lyceus nacionaes, Lisboa, Imprensa Nacional, 1887.
- BRAGA, Theophilo, Grammatica portugueza elementar, fundada sobre o methodo-comparativo, Porto, Livraria Portuguesa e Estrangeira, 1876.

- BROU, Francisco P., Grammatica particular ou estudos sobre as principaes difficuldades da lingua portuguesa, coordenada segundo o programma official para o estudo d'esta lingua nos lyceus port... Lisboa, Livraria Progressista, 1875.
- CABANITA, Lições Praticas de Portuguez, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897.
- CARDOSO, Cónego Domiciano H. Perdigão, Compendio de grammatica portugueza, 2.^a ed., Pará, Tavares Cardoso & C.^a, 1839.
- CASIMIRO, João Joaquim, Methodo grammatical resumido da Lingua Portugueza, 3.^a edição, Lisboa, Imprensa Regia, 1814.
- CASTRO, J. S. de Figueiredo e, Elementos de Grammatica Portugueza coordenados para uso das escolas d'instrução primaria, 4.^a ed. corr. e augm., Porto-Deposito Geral Livraria Lello-Editor Antonio de Freitas Sucena, Agueda, 1887.
- COMPENDIO de Grammatica Portugueza collegido e ordenado para uso dos alumnos do Seminario de Macáu JHS, Macau, Typographia do Seminario, 1865.
- CONSTÂNCIO, Francisco Solano, Grammatica Analytica da lingua portugueza, Paris, Em Caza de Sousa Laemert e C.^a, 1831 [Paris, V.J. P. Aillaud, 1855].
- CORTESÃO, António Augusto, Noções Elementares de Grammatica Portugueza, Coimbra, Francisco França Amado, 1896.
- CORTE-REAL, António Moniz Barreto, Grammatica Portugueza, 2.^a edição. Rio de Janeiro, Tip. da Escola, [1887].
- CRUZ, José Augusto Vieira da, Nova grammatica, Coimbra, 1870.
- DAVID, Abílio, e Mendes, Fernando, Curso de grammatica portugueza, Lisboa, J. J. Nunes & C.^a, 1891.
- DIAS, João António, Novíssima Grammatica da Lingua Portugueza (accommodada ao systema actual da instrução publica, cujos exemplos formão o resumo da Historia Portugueza), Lisboa, Imprensa de Hermenegildo Pires Marinho [Rua da Boa Vista n.º 14], 1854.
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva, Grammatica portugueza elementar, Obra approvada pela Junta Consultiva de Instrução Publica, 4.^a edição revista, Porto, Livr. Universal, 1881.
- DIAS, Carlos Claudino, Rudimentos de grammatica portugueza. Extrahidos com previo consentimento do auctor da Grammatica Portugueza Elementar de A. Epiphany da Silva Dias, Lisboa, 1878.
- ESPADA, João Crisóstomo Vallejo, Grammatica Portugueza para os alumnos que frequentam as escolas de instrução primaria, e o curso de portuguez dos lyceus, Lisboa, L. C. da Cunha, 1861.
- FERREIRA, Francisco Soares, Elementos de grammatica portugueza, ordenados segundo a doutrina dos melhores grammaticos, para aplanar mocidade o estudo da sua lingua, Lisboa, Imprensa Regia, 1819.
- GRAMMATICA da ESCHOLA PRIMARIA especialmente cooredenada para uso dos alumnos do Collegio de Lamego, Porto, Typographia do Commercio [Rua da Ferraria n.º 102 a 112], 1866.
- GRAMMATICA PORTUGUEZA, Lisboa, David Corazzi, 1882.
- GRIVET, Adriano, Grammatica Analytica da Lingua Portugueza, Rio de Janeiro, Typographia de Thevenet e C.^a, 1865.
- INÁCIO, Pe. Manuel, Grammatica portugueza dedicada a meninos, Porto, Tip. Vasconcelos, 1840.
- LACERDA, D. José Maria de Almeida e Araújo Correia de, Compendio da grammatica portugueza para uso das escholas, Lisboa, No Escriptorio de Francisco Arthur da Silva, 1859.
- LAGE, José Gonçalves, Novíssima grammatica portugueza, Coimbra, Livraria Portugueza e Extranjeira do Editor Manuel de Almeida Cabral, 1832.
- LEÃO, José Barbosa, Elementos da gramática portugueza, Porto Comp. e Imp. na Tip. de António José da Silva Teixeira, 1886.
- LEITE, Francisco José Monteiro, Nova Grammatica Portugueza, Porto, Clavel & C.^a. A. J. da Silva Teixeira, 1882.
- LOPES, José Quintino Travassos, Grammatica elementar da lingua portugueza, 3.^a ed. aum., Lisboa, A. M. Pereira, 1881.
- LOURENÇO, Domingos, Grammatica da Lingua Portugueza para uso dos meninos. Extrahida de diferentes autores classicos e offerecida ao seo paiz, Margão, Na Typographia do Ultramar, 1860.
- MACEDO, Joaquim Freire de, Compêndio de grammatica portugueza, colligido e coordenado para uso dos alumnos d'instrução secundaria, Lisboa, Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1862.
- MACIADO, Ulisses, Gramática portuguesa ensinada pelos exemplos, 2 vols., Lisboa, J. A. Rodrigues & C.^a, 1897-1917.
- MACIEL, Maximino de Araújo, Grammatica Analytica baseada nas doutrinas modernas satisfazendo ás condições do actual programma, Rio de Janeiro, Typ. Central, de Evaristo Rodrigues da Costa, 1887.

- MAGALHÃES, Carlos Duarte de (C. D. M.), *Epitome de Grammatica Portugueza*, composto de elementos extrahidos de varios grammaticos e philologos e coordenados por... de melhor nota, Porto, Na Typographia de Sebastião José Pereira, 1851.
- MARTINS, A.B. Santos, *Grammatica elementar da lingua portugueza*, Lisboa, s. ed. 1892.
- MATOS, Pe. José Joaquim de Afonseca, *Compendio de grammatica portugueza*, colligida e ordenada para uso dos alumnos do seminario de Macau, por um professor do mesmo, Macau, Tip. do Seminário, 1865.
- MENDES, Fernando, e outro, *Curso de grammatica portugueza*. Lisboa, J.J. Nunes e C.^a, 1891.
- MIDOSI, Francisco, *Compendio de Grammatica Portugueza para instrucção da mocidade e uso das escolas*, Lisboa, Na imprensa Nacional, 1842.
- MONTEVERDE, Emilio Achiles, *Elementos de grammatica portugueza*, desenvolvidos com a maior clareza possivel para uso das aulas, Lisboa, 1833.
- MOURA, Augusto Pereira de, *Elementos de grammatica portugueza e coordenados em harmonia com os modernos processos de analyse...*, 2.^a ed. muito melhorada, Coimbra, Livraria Central de J. Diogo Pires, 1892.
- OLIVEIRA, Bento José de, *Nova grammatica portugueza*, 20.^a ed. melhorada, Coimbra, Fr. França.
- PACHECO, Luis Bernardino, *Grammatica Elementar e Practica da Lingua Portugueza para as escolas de instrucção primaria. Curso theorico e pratico*, Lisboa, Universal, 1894.
- PERTENCE, e VERGUEIRO, *Compendio da Grammatica Portugueza accommodado ao uso das escolas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1861.
- PESTANA, Daniel Ferreira (D.F.P.), *Principios de Grammatica Geral applicados à Lingua Portugueza. Publicados e offerecidos á Mocidade de Goa*, Nova-Goa, Imprensa Nacional, 1849.
- PINHEIRO, F. Mendes, *Grammatica Elementar da Lingua Portugueza. Para uso das Escolas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1869.
- PINHEIRO, J. C. Fernandes, *Grammatica da Infancia*, dedicada aos Snrs. Profs. de Instrucção Primaria, 3.^a ed. correcta e melhorada, Rio de Janeiro, B. L. Garnier; Livreiro Editor do Instituto do Brasil, 1870.
- PRINCIPIOS de grammatica geral applicados à lingua portugueza, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1849.
- QUADROS, Camilo Xavier de, *Grammatica Filosofica (para uso dos seus discipulos e de quem mais a quizer)*, Lisboa, Typographia Carvalhense, 1839.
- REIS, Francisco Sotero dos, *Grammatica portugueza, aaccommodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica*, Maranhão, MDCCCLXVI [1866].
- RIBEIRO, Ernesto Carneiro, *Grammatica Portuguesca Philosophica*, Bahia, Imprensa Económica, 1881.
- RIBEIRO, João, *Grammatica Portugueza*, 2.^a ed. corrigida e augm., Rio de Janeiro, Livraria Clássica, 1888.
- RUBIM, Joaquim Frederico Kiappe da Costa, *Novo Methodo de Grammatica Portugueza*, Porto, Inácio M. Correia, 1880.
- SEILBTZ, D. Jorge Eugenio de Locio, *Grammatica da Lingua Portugueza offerecida á Juventude Lisbonense por (...) Director do Collegio do S.S. Coração de Jesus, e Socio Effectivo da Academia Lisbonense das Sciencias e das Letras*, Lisboa, Typ. de L. C. da Cunha, 1844.
- SILVA, António de Moraes, *Epitome Grammatical da Lingua Portugueza*, Lisboa, Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1806.
- SOARES, José da Nóbrega, *Gramática da língua portugueza*, Lisboa, Tipografia da Viúva Sousa Neves, 1884.
- SOUSA, Manuel Dias de, *Grammatica Portugueza*, Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade, 1804.
- TAVARES, Herculano Maria dos Reis, *Grammatica da Lingua Portugueza dedicada á Infancia*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1853.
- WAKE, Polycarpo, *Compendio de Grammatica Portugueza, para uso das aulas*, Lisboa, Impr. de Francisco Xavier de Sousa, 1851.